

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE JANEIRO DE 1918

ANO II—N.º 37

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO..... 1\$40 ESTRANGEIRO
SEMESTRE... 70 ANO..... 3\$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA*

*"A REVISTA DE TURISMO,"
E A CRISE DO PAPEL*

No momento presente, em que se debate a vida da imprensa na mais angustiosa crise, provocada pela escassez do papel d'impressão e pelo exorbitantissimo preço que ele acaba de atingir, a *Revista de Turismo*, não podia deixar de levantar o seu clamor; pois embora a sua publicação seja quinzenal, ela não deixa, por isso, de ser, também directamente, afectada.

É uma situação que importa a todos os que n'esta por vezes ingloria vida do jornalismo, consomem uma grande parte da existencia e o melhor esforço individual. E se, para o cumprimento do nosso dever de jornalistas não nos poupamos aos sacrificios compatíveis com as nossas forças — e tantos tem sido! — não é, porem, justo que de todo abdiquemos da nossa propria personalidade e não tentemos ainda um ultimo recurso, não já para a satisfação d'um capricho, mas para procurarmos ainda evitar o descalabro que resultaria da suspensão da publicação de todos os jornaes para os milhares de pessoas que d'elles usufruem o pão quotidiano.

Não está a *Revista de Turismo*, em condições de se impôr. A sua indole, n'um paiz onde a industria do turismo fosse considerada como um

dos principaes factores do desenvolvimento economic, era razão mais do que sufficiente para que nunca lhe faltasse o auxilio material indispensavel.

Infelizmente em Portugal por maiores que sejam os sacrificios, por mais sympatica e patriótica que seja qualquer iniciativa e por mais decidida que seja a boa vontade em a pôr em pratica, ha um inexplicavel retraimento no concurso que lhe é devido que lhe devia ser mesmo obrigatoriamente concedido, para ela vingar.

Assim tem acontecido á *Revista de Turismo*.

A sua vida, embora apenas represente ano e meio de penoso trabalho, tem sido simplesmente alimentada por um enthusiasmo patriótico, que na sua expansão só tem encontrado quasi que insuperaveis obstaculos de toda a ordem, vencidos apenas á custa d'um indomavel esforço proprio e dos maiores sacrificios dos que a ela tem dedicado a sua melhor actividade.

Chegou-se, porém, a um extremo em que a nossa tentativa esbarrará de todo, se não tivermos a auxiliar-nos os que nos podem e devem valer, se realmente o nosso fim é reconhecida-mente util e patriótico — como tantis-

simas vezes nos tem sido assegurado.

Pois bem; se assim é, torna-se absolutamente indispensavel que nem só os nossos muito prezados assinantes e anunciantes venham em nosso auxilio; mas que *todos aqueles* que tem aplaudido esta nossa modestissima obra e nos tem incitado a proseguir n'ela com o mesmo enthusiasmo com que a encetámos, nos prestem o seu immediato e inadiavel concurso, pois de contrario, ser-nos-ha completamente impossivel insistir no que **única e simplesmente nos tem deixado prejuizo.**

Em vista da nova elevação do preço do papel para a fabulosa importancia de 800 réis o kilo (400% mais caro do que se pagava antes da guerra) somos forçados — bem a nosso pezar — a elevar o preço avulso e das assinaturas da *Revista de Turismo* até que a situação se normalise.

D'esta forma, a partir do presente numero a assinatura semestral, que era de \$50 centavos, passa a ser de \$70, ou Esc. 1\$40 por ano, para o Continente; e o preço da venda avulso, que era de \$05 centavos, é aumentado de um centavo, passando por conseguinte a ser de \$06 centavos.



ANNO NOVO

MAIS um anno que entra sob a atmosfera terrível da maldada da guerra!

Todos ao vê-la romper n'esse fatal fim de julho de 1914 julgaram que a sua duração seria até ao dia do terrível choque das colossaes forças das grandes potencias europeias.

Enganamo-nos, enganou-se toda a gente. E não são só os que, como leões se batem nas trincheiras, mas tambem os que estão longe da terrível contenda, lhe sofrem as consequências.

A vida das nações, modifica-se dia dia, ninguém calculando o que será o de amanhã, e os mais optimistas, tem sofrido as desilusões que nunca os pessimistas sonharam nos seus pensamentos cheios de tedio e de descrença.

Mas a maior transformação que a vida universal vai sofrer, está reservada para o fim da guerra, e então novos costumes a novas ideias hão de surgir, que, provera a sorte, fossem as que as almas boas e os espiritos de trabalho anseiam.

Mais do que em tempo algum a febre de viajar, de conhecer os novos aspectos de vida, ha de invadir toda a gente, n'um furor, n'um desesero. E preparar o futuro é dever d'aquelles, que directamente afastados da

terrível hecatombe, aspiram um novo ideal, uma era de progresso para a humanidade.

E' curta, de certo, a esfera de acção d'esta revista, no resurgimento da nova era de actividade, mas preparar ilucidar, embora vagamente, aqueles que julgam que o turismo ha de representar n'um futuro proximo, um importante papel na vida do nosso paiz, é um dever que a nós mesmo impuzemos, e que nem todas as contrariedades e todas as dificuldades—bastantes tem sido!—que a cada passo topamos no nosso caminho, nos farão arrefecer na jornada que traçamos.

E' nos porem grato citar que a par das dificuldades apparecidas, a *Revista de Turismo* tem tido um acolhimento mais que lisongeiro, de algumas entidades a que o turismo interessa.

Para ellas vão os nossos agradecimentos, e ao mesmo a grata recordação do incentivo que dão ao nosso trabalho.

Se este ano, a que, auguramos, o ano da paz, o ramo bendito da oliveira, se sobrepozer ás armas, uma nova era de felicidade se ha de impôr, e o nosso paiz compartilhará tambem, n'essa felicidade, cujos ramos um ha de ser, por certo, o Turismo.

MONUMENTOS

O SEU CULTO E O TURISMO

DESDE 1851, principalmente, sob a influencia de um principe estrangeiro, o rei consorte D. Fernando, começou a pensar-se entre nós na conservação e restauração dos monumentos e objectos de arte antiga. Fundaram-se sociedades de arqueologia, que juntando os seus esforços ao Instituto de Coimbra e á Academia de Sciencias, procuraram salvar os restos da nossa riqueza monumental, em grande parte infelizmente perdida. Criou-se uma *Comissão dos monumentos* destinada a velar pela sua conservação, da qual hoje são successores os *Conselhos de arte e arqueologia* regionaes. Procurou-se fazer o inventario d'esses monumentos, que em todos os pontos do territorio portuguez recordam ao *turista* nacional ou estrangeiro as paginas mais caracteristicas e notaveis da historia de Portugal.

Esta conservação dos monumentos de toda a ordem, quer sejam de alto valor artistico, quer sejam apenas recordações historicas ou memorias de usos, costumes ou crenças das gerações que passaram, constitue não só um dever de respeito e de veneração por nossos avós, como tambem um elemento precioso que atesta aos estranhos a nossa civilização, e ainda ao mesmo tempo, nos proporciona vantagens economicas por serem objectos tendentes a chamar e atrahir os *turistas* e visitantes.

Não só ao governo e seu ministerio da instrução com os Conselhos de Arte e Arqueologia compete a missão de os tutelar e proteger. A's municipalidades, ás juntas de parochia, ás sociedades archeologicas e scientificas, e em geral a todo o povo é indispensavel recomendar a atenção e o respeito pelos monumentos, sejam eles

quaes forem, que illustrem e enriqueçam as ruas, as praças e as casas. A historia e a vida, d'esses monumentos é a historia e a vida dos nossos antepassados, porque nenhum monumento há que não nos ateste mais ou menos directamente a vida intelectual, politica e social do tempo em que o edificaram.

Devemos ensinar o povo a amar e a respeitar os seus monumentos, as suas estatuas, as suas reliquias de arte, sem que seja preciso pôr-lhes sentinelas ou guardas civicos para os defender e guardar.

As casas celebres, onde nasceram, viveram e morreram homens notaveis do nosso paiz, os arcos, muralhas, fortalezas, cruzeiros, padroes, estatuas, obeliscos, etc., tudo são elementos de atractivo e de adorno, com que se ufanam as localidades, chamando os forasteiros a admirá-los e entretendo os olhares curiosos dos passantes.

Os Congressos *Nacional* (abril de 1910), e *Internacional de Turismo* (1911), occuparam-se do assumpto, sob o ponto de vista das conveniencias, não só da tradição nacional, como tambem do desenvolvimento economico da nação pela industria do *turismo* e das excursões, e reclamaram insistentemente dos poderes publicos a promulgação de medidas tendentes a promover a conservação e amor dos monumentos locais e dos sitios pitorescos ou historicos do paiz.

Mais do que essas medidas de protecção poderá porém fazer a boa vontade do povo portuguez, no qual se deve incutir o espirito de respeito e veneração pelas reliquias da arte antiga e da historia Pátria, aconselhando-o não a destruir estupidamente os simbolos ou padroes das crenças ou costumes dos tempos passados, mas pelo contrario a conservá-los com carinho e a velar pela perpetuação d'essas reliquias, pelas quaes vive eternamente a memoria de nossos avós e a dos factos mais notaveis da historia Pátria.

VICTOR RIBEIRO.

(da Republica.)

Todo aquêle que se interessa pela manutenção da Revista de Turismo, deverá dar-lhe o seu curso, angariando-lhe assinantes e anunciantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

ARTE E LITERATURA

PARAGENS PORTUGUEZAS

LADAINHA DA SUISSA

(A MARTINHO DE BREDERODE)

DE ANTONIO NOBRE

Quando cheguei aqui, dizia baixo o povo
Pelas ruas, vendo-me passar:
— Vem tão doentinho, olha! e é ainda tão novo...

E assim sózinho, sem ninguém para o tratar!
(Que boa a Suíssa! que bom é este povo!)

Raparigas de luar, pastoras d'estes Andes,
Diziam entre si: Quem será este senhor?
Tudo de preto, tão pallido, olhos tão grandes!
E rezavam por mim, baixinho, com amor.

(O' pastoras tão meigas d'estes Andes!)

Por fim entrei receoso em uma caza immensa
Com Jesus-Christo ao fundo e velas e alecrim.
Treme-me ainda hoje a minha alma se n'ella pensa:
Rezas... doentes... ais... corredores sem fim!...

(Ah que tristeza a d'essa caza immensa!)

No alto da escada umas Irmãs da Caridade
Vieram, a sorrir, perguntar: «Como vae?»
No olhar d'ellas (tão doce!) havia tal bondade,
Que me julguei feliz, até sorrir, alhae!

(Minhas boas Irmãs da Caridade!)

Uma d'ellas guiou-me ao quarto onde a paisagem
Ante meus olhos se estendia e os deslumbrou...
— E então como passou? Gostou da sua viagem?
E a Nossa-Suíssa que tal acha, não gostou?»

(O' Suíssa da divina paisagem!)

Não me deixava com perguntas. Era Suíssa
E não deixara nunca esta alva nação.
Ignorava o que era a Verdade, a Justiça:
Tudo n'ella era instinto, innocencia e perdão.

(Que ingénua és ainda, Suíssa!)

— Vá, quero que me diga o seu nome, primeiro
E depois d'onde vem, quem é... pelo fallar...
— Venho da beira-mar, e sou um marinheiro.
E ella tornou-me: O mar! eu nunca vi o mar!

(Nos meus olhos o vislô tu primeiro.)

Com que doçura, com que mimo e com que graça
Me arraujou tudo! Até meu leito quiz abrir.
E como uma ama diz ao menino que a enlaça,
Disse-me: «Boas noites. Faça por dormir!...»

(O' Suíssa cheia de graça!)

E eu assim fiz. Adormeci, feliz, sereno,
E no outro dia eu já estava melhor.

Passados trez, passei de pallido a moreno

Passado um mez, «não é nada» disse o doutor.

(Oh! quanto eu era então feliz, sereno!)

E a boa Irmã toda contente e dedicada
Que sempre estava á escuta em biquinhos de pé
— Vê, tantos sustos! e afinal não era nada!

E se elle disse «não é nada» é que não é!
(O' boa Irmã, de voz tão delicada!)

Fallou verdade o bom doutor. Ergueu-se em breve
A minha doida mocidade arrependida.

Bemdito sejaes vós, Alpes cheios de neve!

Bemdito sejaes vós que me salvastes a vida!

(E o meu coração que doce paz vos deve!)

Bem dita sejas tu, ó Suíssa meiga e boa!

Gloriosa entre os mais povos, se bem dita!

Bem dita sejas tu, de Christiania a Lisboa!

Bem dita sejas tu entre as nações, bem dita!

(Bem dita sejas, minha Suíssa boa!)

LAUSANNA, 1896



MATRIMONIO

DE AUGUSTO GIL

De banza á tiracolo, e capa á trovador
Eu nunca fui cantar endexas amorosas,
Lirismos de Romeu, junto aos balcões em flôr,
Por sob o luar dormente e as nuvens vaporosas.

Tão pouco tenho a linha airosa, aristocrata,
Da fina flôr do tom, dos «dandys» adamados,
Que andam pelos saldes, monoculando, á cata
Dum dote que lhes salve a pança de cuidados.

Tenho, como qualquer, a aspiração ideal
Duma noiva gentil, dum ninho conjugal;
Mas tudo se desfaz se penso um só momento.

Nesse quadro banal depois do casamento:
O sogro e a sogra, a esposa, um filho já taludo,
E eu, muito aborrecido... a olhar p'ra aquilo tudo.

PAISAGENS PORTUGUEZAS

A SERRA DE MONCHIQUE

Os derradeiros dias de setembro apagavam-se com a doce temperatura de um outompo macio.

Tínhamos chegado pela manhã, a Portimão, um estimado amigo e eu, num comboio roncêiro, sem pressa de chegar, e sem atenções para com os nossos estômagos debilitados pela fadiga de uma noite passada aos encontros ás almofadas da carruagem, macias é certo, mas que nos pareciam rijas como se fossem recheadas de granito.

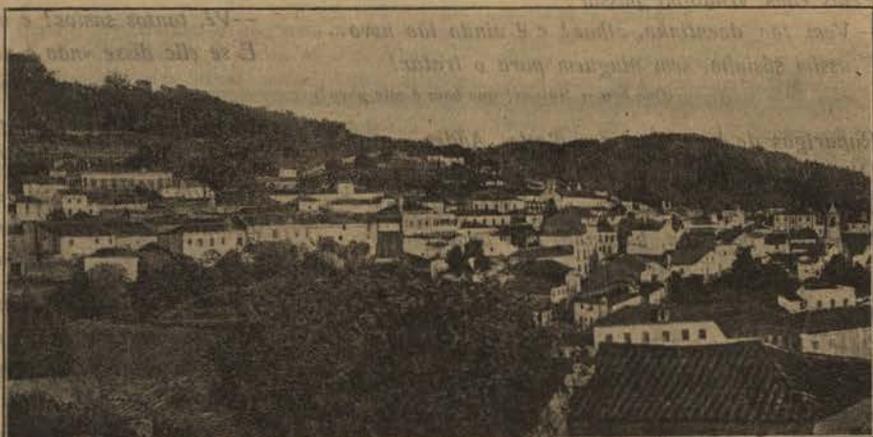
Dois carrêjões ofereceram as suas carruagens, velhas e desengonzadas como recordações historicas das antigas mala-postas. Uma ia para Lagos a outra subia até Monchique.

Tomamos logar na segunda com duas raparigas rolças e morenas como as suas, certamente, avós mouras.

Um mestre escola gordo e risonho,—a vida devia correr-lhe bem!—uma guitarra e um sem numero de pequenos pacotes e sacos de chita atados pela boca, e que embaraçavam os movimentos das nossas pernas entorpecidas.

Enquanto nós, gosavamos a delicia da ria de Portimão, onde na maré

lo posseio, veiu até nós, pela boca do gorducho professor, como uma tonelada de agua fria, sobre a quentura dos nossos pensamentos, que só tarde, ali pelas duas horas, nos seria dando chegar ás Caldas de Monchique;



MONCHIQUE—Vista geral

onde o almoço esperava, certamente já frio.

Quizemos abandonar o calhambeque, e ao mesmo tempo esinurrar a boca daquele homem que, com um sorriso ironico, assim punha um calefrio á ventura dos nossos pensamentos.

a guitarra, e atirou, em ais requebrados e meigos, umas cantigas ao fado, que fez socegar o azedume que nos arrasava o figado.



PRAIA DA ROCHA—Chapel Negrão

que vásava, barcos singravam para a praia trazer sardinha, que se amontava na tolda, e o nosso espirito voava na doce expectativa de um be-

Quatro horas de viagem!
Podia lá ser, aquele homem mentia comq um vilão.

Depois de uma paisagem sombria, interminável, que mais fazia dilatar as quarto tremendas horas da jornada, chegámos enfim ao alto onde assomam, emolduradas em densas ramadas as primeiras casas das Caldas de Monchique.

E uma brisa, que os pinheiros altos, atiraram, no seu lento ramalhar, envolveu o ambiente, que por aquela hora de sol alto, o calor sufocava.

As Caldas de Monchique aninham-se na pequena concavidade de um ribeiro, cujo avoredo, mais denso do que sebes, cobre e afaga, e onde ali, tambem por aquele habitual capricho da mãe Natura, brotam as aguas quentes que desempenam os nervos e abatem os reumatismos.

As alimarias estacaram, e o cocheiro veio dizer ás nossas excelencias que tínhamos chegado.

Já não era sem tempo berraram todos os nossos poros aquecidos.

Eramos esperados.

O Director da estancia, levou-nos ao banho, e a um quarto, cujas largas janelas abriam para o vale, onde o sol faiscava sobre as folhas alegres dos eucaliptos.

Depois de lavados e barbeados, descemos ao almoço, e em seguida a Doutor conduz-nos ao Paraizo.

Paraizo é assim chamado a um lo-

correndo lentamente entre as sebes, a que dá vida; e ora se debruça numa cascata, para cahir num pequeno lago, onde faz humedecer e rodopiar as folhas secas parecendo querer dar-lhes vida.

E nós estendidos, como dois espartanos sobre a folhagem seca, ali passamos toda a tarde sagrando uma larga duvida, se tão delicado repouso é dado a pobres penitentes.

vinha de quasi todas as mezas, onde mulheres rosadas, de meigos olhos andaluzes, se libaçavam com apetite.

Mas á noite no terreiro as vae-vens tão vulgares em terras hespanholas, de raparigas de trança cahida, eram tão continuos, que julgamos as Caldas de Monchique um desses pequenos burgos hespanhoes, a que só faltava a cathedral secular, e os curas passeando aos pares com o ventre cheio a salientar-se na batina.



VILA NOVA DE PORT-MÃO—Visa geral

cal extremamente pictoresco, na concavidade mais baixa do ribeiro.

Temos ouvido a bocas devotas que as almas boas, teem um Paraizo onde vão repousar de tunica branca, e onde os anjos, tocam flauta brandamente, como aquele lento musicar dos pastores ás ovelhas mansas.

Mas cremos que elas não serão mais felizes do que nós, pobres pecadores, o fomos naquella santa tarde de setembro.

Por tunicas tinhamos umas leves jalecas do paninho, como musica se não ouviamos a lenta toada dos anjos benditos, tinhamos o languido trinado dos rouxinoes á beira do ribeiro, que jamais deixaram de cantar.

Os altos arvoredos abatiam sobre nós uma tão copada sombra, que só aqui e além uma pequena miragem de sol recortado pela folhagem, espreitava como que a bem dizer o remanso do nosso bem estar.

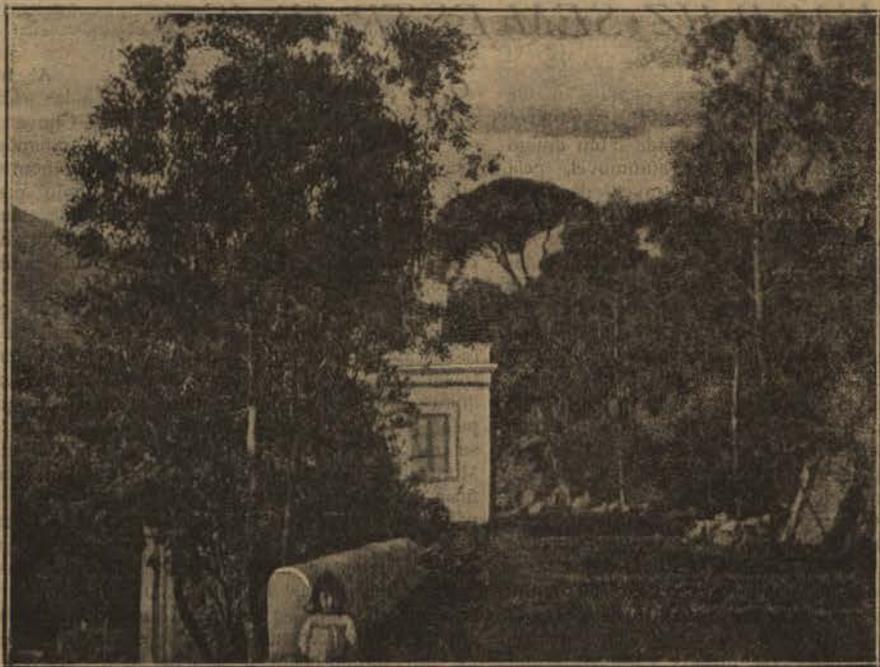
O ribeiro, fino e alegre vae

As Caldas de Monchique nada mais teem, que o balneario, dois hoteis, uma locanda e um terreiro, onde nessa noite tivemos quasi duvidas se aquilo era terra Portugueza.

E' que já ao jantar notamos que a linguagem doce das hespanhas,

Depois um automovel leva-nos á vila de Monchique, em cima reclinada na encosta, entre sobreiros gigantes, e em seguida á parte alta e escabrosa da serra de Monchique.

Foi tal a comoção que senti ante tão extraordinaria beleza, que mais



CALDAS DE MONCHIQUE—
Visa parcial

merece aconselhar a ir lá do que descreve-la.

A estrada esgueira-se de Monchique, entre sobreiros pensativos e tristes, que lhe dão passagem e a entregam às estevas que vestem num vasto tapete todas as ondulações da famosa serra. Depois, galga a sua parte cimeira ora pela direita ora pela esquerda, para mostrar tudo, para que nada esqueça. O auto rola no silêncio, nós todos abstractos, louvamos com unção a forma extravagante daquelas serras, que em montes levemente, agudos a nossos pés, formam uma boa parte do Algarve.

Longos kilómetros caminhámos pela estrada ondeante e branca, rasgada entre as estevas e as giestas que parecem querer agora antepor-se aquéllas, para na primavera pubere, embalsamarem o ar com o seu perfume estonteante.

Nessa solidão selvagem, nem um povoado, nem uma casa oferece a nota humana; só a beira da estrada alveja a casa do cantoneiro, onde o digno homem, de chapéu braguez na mão, nós inclita a proseguir na viagem até ao fim da serra.

Fomos. E ao voltar, todos desejámos que aquela estrada, em construção, e que deve conduzir ao Alentejo, não fique por ali, para dar a outros a delícia daquele passeio, sem retroceder, e para que mais facilmente se possa gosar a beleza selvagem de tão seductora viagem.

Antes de chegar a Monchique, apeamos-nos para ir à Foia, e lá nos quedamos extasiados pela pujança forte do arvoredor pela exótica vegetação que veste os agudos outeiros que forma aquele delicioso contraforte da Serra de Monchique.

A volta ao retornar para as Caldas um sobreiro manso, solitario e espargindo uma sombra leve sobre a brancura da estrada, chamou a nossa atenção pela sua tristeza, pelo seu aspecto meditativo.

Alguem explicou:—O sobreiro esta só e ao abandono, porque o seu companheiro, quando como ele se empinava ao Ceu, no verdor da mocidade, veio o machado assassino e degolou-o, inspirando a um poeta algarvio esses deliciosos versos que correm mundo há muitos anos n'uma maguada recordação:

*Adens sobreiro querido
Estendido
Como um corpo n'um caixão.*

Deixámos as Caldas á tarde, o sol morria, entre figueiras, além n'um pequeno outeiro, uma lua nova appareceu branca e risonha, enquanto a carinhosa que nos conduzia rolava atarefada e as estevas do caminho exalavam um perfume que ressondia,

GUERRA MARITIMA

UM PAIZ SEM ESTRADAS

O CUMULO DO DESLEIXO

DEVO á amabilidade d'um amigo tres dias de automovel, pela Extremadura fóra, atravez da mais doce e da mais comovida paisagem de inverno que olhos de portuguezes podem ver. Mas também fiquei devendo a esse amigo alguns dos mais rijos trambulhões com que tenho sido mimoseado durante as viagens que tenho efectuado no meu paiz. Das contusões sofridas absolvo-o, porém, a ele e ao seu excelente carro, tão pequenino e tão ligeiro, que me deu frequentes vezes a impressão de que pretendia desprender-se do solo e voar, quando o maddame, rasgado em covas profundas e cortado de trincheiras, pretendia, teimosamente, impedir-o de passar mais adeante. E' que, com estradas como as nossas, o que admira e que ainda haja quem teime em ter automovel para viajar em Portugal, percorrer os nossos campos, cortar

os nossos pinhaes, cravar a vista, tocada de serenidade, nos vinhedos nús, que alastram pelos terrenos como enormes aranhas cançadas e adormecidas, á espera do sol da primavera para acordarem e resuscitarem...

Logo á sahida de Lisboa, um salto mais seco faz em estilhas uma mola. E' preciso retroceder. A avaria repara-se. Mas a viagem retarda-se quasi tres horas. Sob o sol que fulgura, que doira os cabeços nús e que semeia pelos vales uma doce penumbra, que se move com volupia, subimos até Montachique e lá do alto deixamo-nos ficar uns instantes a contemplar a paisagem morta que se estende para todos os lados. A neblina voga em novelos pelos vales sombrios, que se rasgam em linhas tortuosas, que se emaranham, que se cruzam, que se enredam. De repente, como que se dá um tombo para o lado de lá, e

depois, são já os vinhedos de Dois Portos, é a linha ferrea subindo a encosta, com um comboio arquejante a rolar sobre ella e a despejar para o espaço azul claro penachos esbranquiçados de fumo.

Por ora, a estrada tolera-se. Até Torres Vedras, o automovel quasi não se queixa. Nós também não. E se os bordos, d'aqui em diante, não passarem d'isto, não haverá, na verdade, grande motivo para lamurias. Os Cucos, com os seus chalets ás turras com aquella paisagem de cemiterio em que assenta a estação thermal, ficam-nos já para traz. Pela estrada rodam em silencio grandes carros de bois carregados de pipas de vinho. As adegas despejam-se, e o oiro corre para os cofres dos lavradores, a quem a guerra teria trazido a fortuna se todo o vinho que as cepas crearam pudesse seguir facilmente para longinquos destinos. De Torres para lá, é a paisagem de pinhal, triste, recolhida, serena, retrahida, forte. Ha uns kilometros de estrada que parecem d'asfalto. Mas depois, além do Bombarral, é o martyrio. O maddame ondu-la, encarquilha-se, retrahe-se e contrahe-se. Deixa ver a periphéria esca-lavrada e desfeita. O empedrado erica a dentuça agreste, como um molosso dânnado, ansioso por dilacerar tudo o que se precipitar contra elle. Avança-se á custo, nos solavancos, como se de repente o pobre automovel tivesse metido por um caminho medeval, aberto pacientemente atravez d'um areal lentamente enforcido pelo transito, aqui e além.

A' medida que nos aproximamos das Caldas, o suplicio augmenta. Chove e faz frio de rachar. Não se transpõem mais de tres ou quatro kilometros por hora. Todos os cuidados são poucos, para se não ficar para ali, estendido n'uma valeta, feito n'um feixe. Em Obidos, dir-se-hia que não ha outra iluminação além da das lanternas artigos dos nichos... A estrada peiora. Cada kilometro que se anda é como que uma dolorosa caminhada mais, transposta em direcção ao calvario definitivo que nos espera. E enquanto o auto hesita e se pega deante d'uma trincheira ameaçadora, enquanto outras trincheiras nos esperam mais além, encadeadas umas nas outras para nós fazerem arrependder mil vezes de nos termos aventurado a esta viagem tormentosa, atravez de estradas destruidas, penso eu e pensam as pessoas que me acompanham no triste fado, das coisas portuguezas, as quais, como que atacadas de irreparavel desagregação, se vão perdendo

pouco a pouco, para não encontrarem mais o seu equilíbrio, para não poderem desempenhar mais a função que é a razão única da sua existência.

São tres—dizem os philosophos e os economistas—as características de um paiz civilisado—boas estradas, boa policia e boa instrucção. Se é assim, tenho de concordar e tem de concordar todos comigo, que Portugal mal sahio ainda do periodo barbaro, em que nem estradas, nem policia, nem instrucção eram precisas para que os povos vivessem. E' que, pelo que respecta a estradas, pelo menos, difficilmente haverá na Europa paiz que possa comparar-se nos. Por não as termos construido ainda? Não. Por termos deixado artilhar e destruir as que tinhamos, e que, apesar de terem custado rios de dinheiro, foram abandonadas, como se não valessem um centavo. Póde conceber-se maior crime de administração? Eu não o concebo, o que, na verdade não quer dizer que ele seja impossivel...

A sahida das Caldas, temos uns momentos de esperanza. Parece que o caminho melhorou. Algumas centenas de metros, apenas, facilmente transitaveis. Porque o resto, até Alcobaça, bem póde ser tomado como exemplo. Quem quizer, em Portugal, dar uma ideia exacta do mau estado das estradas, basta que diga—peor que as das Caldas. E' que não pode haver outra que em abysmos e em precipicios exceda essa, que nem por ser das mais transitadas tem merecido aos poderes publicos mais desvelos...

A entrada da ladeira da Cella, o automovel para por falta d'agua no radiador. Perto da estrada ha uma choupana, d'onde sahe um camponio que nos abastece devidamente. Aproveito os quinze minutos que gastamos a refrescar o motor para conversar com o indigena que nos serve de previdencia. Da ultima revolução, o homem não sabe quasi nada. Nem quer saber. E' que para ele todos são o mesmo. Estou quasi a concordar quando ele me fala de coisas que lhe interessam mais directamente.

—Eles é que tem a culpa de tudo isto...

—Eles quem?

—Os cantoneiros e os chefes. Não fazem nada, não olham para nada, não tratam de coisa nenhuma. Só servem para vender as arvores que crescem pelos aterros, mais nada. D'antes ainda as iamnos pagar a Alcobaça. Agora, são elles que recebem o dinheiro...

O motor recomeça a trabalhar. A ladeira, desfeita e esventrada, galga-se com uma lentidão mortal. As partes delicadas do motor resistem por milagre. Mas, ao cimo da rampa, ha outra paragem. Um tubo essencial rasga-se. Consegue-se substitui-lo. A descida para Alcobaça faz-se com incriveis cautelas, como no dia seguinte tem de fazer-se a subida para Aljubarrota e quasi toda a viagem até Leiria. O regresso faz-se por Porto de Moz, e ainda agora tenho impressa na retina toda a grandeza épica e selvagem das serranias, que d'um e d'outro lado da estrada se alteiam, para as bandas do mar, até perder de vista.

A estes sitios vinda ligadas as mais belas tradições da historia portugueza. Foi por estes penhascos escavados que D. Afonso Henriques passou, quando se dirigia a conquista do Porto de Moz, cujo castelo em ruínas se distingue ainda lá em baixo meio afogado na neblina da tarde, que o sol poente tinge docemente de cor d'ouro velho...

O resto da viagem, até Lisboa, faz-se por Santarem, atrez das terras arenosas de Rio Maior e dos campos placidos do Ribatejo. O caminho é o mesmo quasi por toda a parte. A destruição das estradas é continua. Como póde um paiz, com semelhante viação ordinaria, progredir, prosperar, desenvolver-se? Como póde, sobretudo, um paiz que taes estradas possui, desejar ser um paiz de turismo? Não o sei.

Não o presinto. Não vejo como possam realizar-se taes prodigios de milagre. Houve, em Portugal, dinheiro e vagar para construir as estradas principaes. Pois bem: nem tem havido dinheiro, nem cuidados, nem tempo para as conservar. De maneira que, se não quizermos, qualquer dia, voltar a servir-nos das velhas estradas romanas, feltas de pedregulhos, só temos uma coisa a fazer—construir de novo as estradas que a nossa incuria deixou destruir. E' interessante a solução, não é verdade? Presentemente, a grande maioria das nossas estradas nem sequer se parece com as do norte da França, metralhadas, umas, rasgadas pelos canions e pelos trafores da pesada artilharia outras, mas todas elas transitaveis, com tanto cuidado as tratam áqueles que d'elas se servem. Parece-me que não será preciso acrescentar nem mais uma palavra para se fazer uma clara ideia da ruina a que chegaram as estradas portuguezas.

ADELINO MENDES.

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

COM o seu numero de 14 de Janeiro completou 30 annos de publicação este nosso estimado colega.

Felicitamo-la efusivamente desejando-lhe muitas prosperidades.

POSTO DE INFORMAÇÕES EM PARIS

Abril já em Paris, o Bureau de Renseignements a que por vezes nos temos referido.

Esta provisoriamente instalado n'uma das salas do Touring Club de France, obsequiosamente oferecida pela Direcção d'esta importante colectividade.

Em breve será definitivamente instalado n'um local central da capital franceza, onde a sua acção se fará sentir beneficemente para o nosso paiz.

O seu Director sr. Jayme de Padua Franco tem encontrado as maiores facilidades nas personalidades a que se tem dirigido.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

ABRIU no dia 22 do mez findo mais uma interessante exposição de pintura, no elegante salão Bobone da rua Serpa Pinto.

Os quadros expostos pertencem a Carlos Reis, Antonio Saude, Falcão Trigo, Alves Cardoso, e Frederico Ayres; havendo entre as varias telas, trabalhos de extraordinario valor; tendo sido já muitos adquiridos por varios amadores.

CINE-REVISTA

ESTE nosso estimado colega transcreveu da Revista de Turismo, a nota, aqui dada ha tempos, das terras cinematographadas pelos operadores da casa Gaumont, que aqui estiveram ultimamente.

Precedeu a transcrição de palavras que muito nos honram e lisonjeiam, o que agradecemos.

Estando-se a proceder á cobrança das assignaturas do 2.º semestre do corrente ano, rogamos aos nossos estimaveis assignantes a fineza de satisfazerem os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

HOTELS

Uso imoderado que fazemos da liberdade, tem-nos dado lugar a crear embaraços para a nossa regularização social e economica, que difficilmente haverá forma de a corrigir. Em Portugal toda a gente faz o que quer.

Não ha regulamento, não ha lei que não vá fazer levantar protestos de pessoas que julgaram a sua liberdade coartada. Depois nós temos ainda mais um defeito que é o do *snobismo*—no que não damos, certamente, uma novidade. Um homem tem uma ideia, põe-na em pratica, surte-lhe effeito, e eis que toda a gente a chama sua e d'ela quer tirar preventos, embora vá prejudicar aquelle que primeiro a pôz em pratica.

N'esse caso estão os hotéis.

Em que não é raro, mesmo a cada passo, ver um hotel, que com imodestia se lhe poderia chamar hospedaria. E não raro se encontra tambem, um *Grande Hotel* que tem menos de 20 quartos.

Isto dá em resultado, que alem da propaganda negativa que os hospedes que o frequentaram veem fazer, dá um descrédito indirecto, áqueles que justamente usam esse titulo, e produz uma certa desconfiança no publico quando atente em reclamos de tal natureza.

Tambem ha a notar a incoerencia com que muitos hoteleiros apelidam os seus hotéis. O *Hotel Central*, existe em todas as cidades em todas as vilas, e cremos que em todas as aldeias onde ha gente que receba hospedes. Mas na maioria dos casos, esse hotel é tudo, menos central; fica situado num beco, ou no peor local da povoação.

Ha tambem o *Hotel Avenida*, que vae alastrando por toda a parte, sem mesmo, na maioria dos casos, estar situado n'uma avenida, nem se parecer em conforto e comodidade com outros que mostram as suas fachadas sumptuosas para belas e amplas arterias de uma cidade.

Depois da abertura do *Avenida Palace*, appareceu o *Bussaco Palace*, e o *Vidago Palace*, dignos rivais do primeiro, mas á par d'isso outros *Palaces* surgiram, que nada tem de *Palacios*, e a proposito um devemos nós citar, o *ex-Palace Hotel* da Rua de Santa Catharina, ao lado do *Grande Hotel*, o que salientava a maior pouca vergonha em *snobismo* e, permitta-se o termo, em pedantismo.

Ora casos destes representam um descrédito, não só para a classe hoteleira, mas tambem para o País.

E, antes que taes costumes alastrem com todos os seus inconvenientes é preciso que uma lei, e um regulamento lhes ponham cõbro de uma vez para sempre.

Ao governo, e ao Conselho de Turismo, principalmente, lhes compete organizar esse regulamento, e que deve abranger toda a classe de casas que recebam hospedes.

A ideia já é velha e sem querer chama-la nossa, parece-nos que deve haver a seguinte classificação.

Palacios Hotels, Hotels, Pensões, Hospedarias e Estalagens.

Palacios, aquelles cujas instalações seja de um verdadeiro palacio, não só em grandezza mas tambem em conforto.

Hotel, aquelles que reunam as condições da instalação e conforto, e a que possa ser dado tal nome.

A esta classe de hotéis pode ser junto o adjectivo de *Grande*, quando disponham de mais de cem quartos.

Pensões, ás casas chamadas de familia, e que formem um grau superior a hospedaria.

Muita gente ha que condena esta classe de hotéis, por varios motivos, e um d'elles é o pagarem menos contribuição que os hotéis, e receberem mais hospedes.

Descordamos por completo.

Se as pensões teem mais clientela, é porque o seu serviço é melhor, ou pelo menos mais barato que nos hotéis.

E se a contribuição é inferior e faz-la maior.

Hospedarias é o nome que deve ser dado a todas as outras casas inferiores a hotéis e a pensões, de que falámos e finalmente, *Estalagens* aquellas pequenas hospedarias provincianas, onde se recolhem pessoas, e que pela sua modestia não exigem conforto.

Mas como fazer tal regulamento, estamos nós já a ouvir, aos amigos da *liberdade* de que cada um tem o direito de fazer o que quizer, uma vez que a casa e a vontade são suas e só suas.

De uma maneira bem facil. Primeiro classificar varios typos de estabelecimentos hospedeiros, depois, lançar uma contribuição relativa para quem use o titulo de *Palacio, Grande Hotel, Hotel, Pensão, Hospedaria ou Estalagem*.

E para Lisboa e Porto, Thermas e praias de 1.^o e 2.^o ordem, e terras tambem de 2.^o e 3.^o ordem.

E' claro que isto excluía os hotéis, que não pagassem contribuição, ao

abrigo da lei dos hotéis, mas em tal caso a sua classificação está expressa na mesma lei.

Haverá protestos decerto, mas para aqueles que se vissem apeados dos titulos de Hotel a Hospedaria, diriamos nós que uma lei destas traz um tão grande principio de moralidade, e de compensações, que valem bem o descer a um grau inferior de classificação. Porque um hotel, que de *grande* só tenha o titulo, e de *Hotel* só tenha o nome, produz estes dois grandes contras, enganar os incautos e afugentar os viajantes economicos.

Sim porque no primeiro caso, um viajante que foi ludibriado, julgando ir instalar-se num Grande Hotel, todo conforto e hygiene, encontrando o contrario, a sua propaganda será a peor para a reputação do Hotel, e no segundo caso, o viajante economico, e que são aos milhares, não vae lá por julgar um conforto superior aos seus habitos, e um preço alem do seu orçamento.

ESTRADAS

ESTA quasi concluida a estrada de ligação da estação de Almendra com Almendra, Algodres, Vilar de Amargo e Figueira de Castelo Rodrigo.

Esta estrada ha muitos anos principiada, está já toda rompida, faltando apenas empedrar cerca de 7 kilometros dos 24 que tem até Figueira de Castelo Rodrigo; mas apesar d'isso, os povos de Almendra, Algodres e Vilar de Amargo, já se servem d'ela, pois lhes dá grande facilidade ás suas relações commerciaes. Figueira, Freixeda do Torrão, Vermiosa, Almofala e Vilar Torpim, servem-se no entanto pela estrada de Barca d'Alva, por ter menos 3 kilometros e por estar toda birtada.

A linha do Douro, não deve porém o seu desenvolvimento ás suas estradas, que são tão deficientes que ha muitissimas estações a que só dão acesso maus e íngremes caminhos.

Capas para encadernar
o 1.^o ano da Revista de Turismo

Aos nossos escriptorios, Largo Bordalo Pinheiro 28, podem ser requisitadas as capas artisticas que mandámos fazer para a encadernação dos 24 numeros correspondentes ao 1.^o ano da *Revista de Turismo*.

O preço da encadernação, incluindo as capas, é de Esc. 1820 (mil e cem reis); fornecendo-se só as capas por 80 centavos (800 reis).